

Sermão 288

A palavra e a voz.

Para a festa da natividade de São João Batista II.

Santo Agostinho

Análise

Depois de ter anunciado que, para celebrar o nascimento do Precursor, ele vai sondar um grande mistério, Santo Agostinho lembra que, mesmo com sua elevação acima de todos os seres humanos e de todos os Profetas, São João Batista dizia sobre ele mesmo que era simplesmente a voz do Verbo ou da Palavra eterna.

Que semelhança, de fato, entre a voz e São João Batista, de um lado e entre a palavra divina e Jesus, do outro lado! Basta indicar alguns detalhes dessa semelhança para que a mente a perceba.

Primeiro, a voz não é nada sem a palavra ou sem o pensamento. O que é São João Batista sem Jesus? Depois, no intelecto que a concebe, a palavra ou o pensamento precede a voz ou a palavra que deve expressá-lo em qualquer língua que seja. Mas, na mente a quem se dirige o pensamento, a voz leva o pensamento e o precede. Não é fato que o Verbo existe primeiro no intelecto divino e que para chegar até nós ele teve que ter um precursor ou mesmo precursores, pois se é preciso ao fiel boas palavras para se comunicar, por que o

Filho de Deus não teria ao seu serviço Patriarcas, Profetas e Apóstolos?

Por fim, a palavra não é mais necessária quando já se tem o pensamento. Foi assim que São João Batista diminuiu e desapareceu quando Jesus se mostrou. É assim também que não será mais necessária fazê-lo ser conhecido através da palavra quando, no céu, o vemos face a face.

01 – A celebração do nascimento de São João Batista.

Ao retornar neste dia, como a cada ano, a festa que celebramos atualmente nos lembra que, antes do Admirável, nasceu admiravelmente o precursor do Senhor. É principalmente neste dia que convém contemplar e louvar esse nascimento. Se foi dedicado um dia a cada ano para a lembrança desse milagre, foi para que o esquecimento não apague dos nossos corações as benesses de Deus e nem as magnificências do Altíssimo.

O arauto do Senhor, São João Batista, foi enviado antes dele, mas depois de ter sido feito por ele, pois, *tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito*¹. Ele foi um homem enviado na frente do Homem Deus; um homem que reconhecia seu Senhor e anunciava seu Criador, distinguindo-o interiormente e apontando-lhe o dedo quando já estava sobre a terra.

¹ João 1: 3.

Estas são, de fato, as palavras que ele pronunciou ao mostrar o Salvador e lhe prestar homenagem: *Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*².

Não foi então justo que uma mulher estéril fosse a mãe do a-rauto e uma Virgem fosse a Mãe do Juiz? Vimos na mãe de João Batista a esterilidade se tornar fecunda e na Mãe de Cristo a fecundidade não alterar em nada a virgindade.

Se a paciência de vocês, se o ardor pacífico de vocês, se a atenção silenciosa de vocês me permitirem, direi, com a ajuda do Senhor, o que o Senhor me inspirar para dizer a vocês e, para compensar vo-cês por sua atenção, por sua aplicação, farei seguramente penetrar nos seus ouvidos e em seus corações verdades relativas a um profun-do mistério.

02 – João Batista é mais do que um Profeta e, ao desprezar-se, ele enaltece Cristo.

Houve antes de João Batista numerosos, grandes e santos Pro-fetas; Profetas dignos de Deus e cheios de Deus, que anunciaram o futuro advento do Salvador e pregaram a verdade. Sobre nenhum deles, no entanto, se pôde dizer, como se disse sobre João Batista:

² João 1: 29.

*Entre os filhos das mulheres, não surgiu outro maior que João Batista*³.

Por que essa grandeza enviada na frente de sua majestade? Para ressaltar sua humildade profunda. João Batista era tão grande que podia ser tomado pelo Cristo. Era possível para ele abusar desse erro espalhado entre seus contemporâneos e convencê-los sem esforço de que ele o era realmente, já que aqueles que o viam e o ouviam já imaginavam isso.

Ele não precisava espalhar esse erro; bastava a ele acreditar nele. Mas, invés de tomar, como um adúltero, o lugar do Esposo, este humilde e zeloso amigo do Esposo, dá testemunho do seu amigo e recomenda à Esposa Aquele que é seu Esposo verdadeiro. Ele só quer ser amado nele e teria horror que o amassem no lugar dele.

Aquele que tem a esposa é o esposo, ele disse. Depois, como se lhe perguntassem: “E você, o que é?”, ele diz: *O amigo do esposo, porém, que está presente e o ouve, regozija-se sobremodo com a voz do esposo*⁴.

O amigo está presente e o ouve. Este é o discípulo escutando o mestre, pois, se ele *ouve*, ele *está presente*, já que, se está afastado, ele não o ouve mais.

O que principalmente mostra a grandeza de João Batista é que ele acha melhor dar testemunho de Cristo, quando podia se passar

³ Mateus 11: 11.

⁴ João 3: 29.

pelo Cristo. Ele acha melhor destacá-lo e permanecer humilde do que se passar pelo Cristo e enganar o mundo.

É com razão também que ele é apresentado como sendo mais do que um profeta. Aqui está, de fato, o que o Senhor mesmo disse dos Profetas que precederam João Batista: *Muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvis e não ouviram*⁵.

De fato, aquelas pessoas cheias do Espírito de Deus para predizer o advento de Cristo, teriam desejado, se fosse possível, ver Cristo presente na terra. Assim, quando o Espírito Santo prolongou a vida de Simão, foi para conceder àquele idoso ver sob a forma de um recém-nascido Aquele que criou o universo⁶.

Sem dúvida que ele contemplou naquele corpinho o Verbo de Deus que tinha se tornado criança, mas aquela Criança ainda não ensinava e, por mais Mestre que fosse para iluminar os anjos junto ao seu Pai, ele não tinha ainda assumido seu papel de Mestre neste mundo.

Simão o viu então, mas como criancinha. João, pelo contrário, o viu quando ele já pregava e já escolhia seus discípulos.

Onde ele o viu? Junto ao rio Jordão. Foi perto desse rio, de fato, que Jesus começou a ensinar. Foi lá também que foi recomendado aos devotos o futuro batismo de Cristo, pois ali se recebia um batis-

⁵ Mateus 13: 17.

⁶ Cf. Lucas 2: 25 e 26.

mo antecipatório que parecia preparar o caminho e dizer: *Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas*⁷.

Se, efetivamente, o Senhor quis receber o batismo do servo João, não foi para mostrar que ele mesmo era recebido em seu batismo? Foi então aí que ele começou o que justificou esta antiga profecia: *Ele dominará de um ao outro mar, desde o grande rio até os confins da terra*⁸.

Pois bem! Foi junto a esse rio que começou o império de Cristo, que São João Batista o viu, que reconheceu Cristo e lhe prestou testemunho. Ele se fez humilde diante dessa grandeza, para ser, em sua humildade, elevado por ela.

Ele se disse amigo do Esposo, mas que amigo? Era para caminhar com ele em pé de igualdade? De forma alguma; era para caminhar bem abaixo. A que distância dele? *Não sou digno de me prostrar para desatar-lhe a correia do calçado*⁹.

Assim, este profeta, que foi mais do que um profeta, mereceu ser profetizado por um Profeta. É dele, de fato, que fala Isaías, na passagem que foi lida hoje:

Uma voz exclama: “Abri no deserto um caminho para o Senhor, traçai reta na estepe uma pista para nosso Deus. Que todo vale seja aterrado, que toda montanha e colina sejam abaixadas, que

⁷ Mateus 3: 3.

⁸ Salmo 71: 8.

⁹ Marco 1: 7.

os cimos sejam aplainados, que as escarpas sejam niveladas! Então a glória do Senhor manifestar-se-á. Toda carne junta apreciará o esplendor, porque a boca do Senhor o prometeu”. “Clama!” __ disse uma voz __ e eu respondi: “Que clamarei? Toda carne é como a erva e toda a sua glória como a flor dos campos! A erva seca e a flor fenece, mas o Verbo de nosso Deus permanece eternamente”¹⁰.

Que suas caridades fiquem bem atentos!

Quando perguntaram a São João Batista quem ele era; se ele era Cristo, Elias ou um profeta, ele respondeu: “*Eu não sou o Cristo, nem Elias e nem um profeta*”. *Dize-nos, afinal, quem és. Que dizes de ti mesmo?*, insistiram. *Eu sou a voz que clama no deserto: ‘Endireitai o caminho do Senhor’, como o disse o profeta Isaías¹¹*, respondeu São João Batista.

Ele diz ser então uma voz. São João Batista foi uma voz.

E Cristo quem é, se não é o Verbo? A voz precede para dar a compreensão do pensamento do Verbo.

Que Verbo? Escutem, pois vamos dizer claramente: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus. Tudo foi feito por ele e sem ele nada foi feito¹²*.

Se tudo foi feito por ele, João Batista também foi feito por ele.

¹⁰ Isaías 40: 3-8.

¹¹ João 1: 19-23.

¹² João 1: 1-3.

Por que nos admirar com o fato de o Verbo ter feito uma voz para ele mesmo?

Pensem! Pensem em tudo ao mesmo tempo junto ao rio: a Voz, o Verbo, João Batista e Cristo!

03 – A diferença entre voz e verbo.

Examinemos o que distingue a voz e o verbo. Examinemos com atenção, pois é uma coisa importante e que exige uma grande dedicação. O Senhor nos ajudará a não nos cansarmos; eu ao explicar e vocês ao ouvir.

Observem então duas coisas: a voz e o verbo. O que é a voz? O que é a palavra?

O que é? Escutem e vocês reconhecerão a verdade em vocês mesmos, ao se interrogarem e ao se responderem interiormente.

Existe uma palavra na medida em que ela tem um significado. Quando se faz somente um ruído com os lábios, um ruído que não tem um sentido, como o ruído que se faz ao gritar sem falar nada, pode-se dizer que há uma voz, mas não uma palavra.

Um gemido é uma voz e um choro queixoso é uma voz. A voz é como um som indefinido que ressoa aos ouvidos sem dizer nada ao intelecto, enquanto que só existe uma palavra na medida em que há um significado, na medida em que se atinge o intelecto através dos ouvidos.

Eu repito: um grito lançado é uma voz, mas pronunciar as palavras *homem, rebanho, Deus, mundo*, ou qualquer outra semelhante é falar. Estas emissões vocais significam alguma coisa; elas possuem um sentido; elas não são sons que não informam nada.

Se vocês compreenderam esta diferença entre a voz e a palavra, contemplem-na com admiração em São João Batista e em Cristo.

Além disso, mesmo separada da voz, a palavra pode ter sua eficácia, enquanto que sem a palavra, a voz é vã. Justifiquemos esta afirmação e expliquemo-na se pudermos.

Quando você quer dizer alguma coisa, o que você quer dizer já está concebido em seu coração. Sua memória o guarda, sua vontade se dispõe a expressar e ele é então uma ideia viva em seu intelecto. Mas, o que você quer dizer ainda não está formulado em nenhuma língua. A ideia que você quer expressar e que você concebeu em sua mente ainda não está formulada em nenhuma língua; nem grega, nem latina, nem púnica, nem hebraica; nenhuma língua enfim. A ideia só está ainda em sua mente, de onde ela se prepara para sair.

Observe bem: trata-se de uma ideia, de um pensamento, de uma razão concebida pelo intelecto e que se prepara para escapar dele e se insinuar na mente do ouvinte. Na medida em que é conhecida por aquele que a possui em seu intelecto, essa ideia é um verbo, uma palavra; uma palavra conhecida por aquele que deve proferi-la, mas não por aquele que deve recebê-la.

Aí está então na mente uma palavra já formada, já inteira e buscando escapar para se dar a quem a ouvir. Considere a quem vai se dirigir aquele que concebeu essa palavra interior que ele quer expressar e que ele vê distintamente nele mesmo.

Em nome de Cristo eu quero me fazer entender pelas mentes cultas que estão nesta igreja e ousou mesmo apresentar àqueles que não são totalmente desprovidos de instrução, considerações mais metafísicas. Que suas caridades fiquem bem atentos.

Pensem em uma palavra concebida no intelecto. Ela procura sair dele e ela quer ser proferida. Examinemos a quem ela será levada.

Encontramos um grego? Procura-se uma expressão grega para fazer com que seja compreendida. Um latino? É um termo latino. Um cartaginense? É uma expressão púnica.

Suprima estes diferentes interlocutores e a palavra interior não é nem grega, nem latina, nem púnica, nem de nenhuma outra língua. Ela precisou, para se mostrar, de um som vocálico conhecido daquele a quem se quis dirigir.

Para fazer com que vocês compreendam perfeitamente, meus irmãos, vou citar agora um exemplo. Eu gostaria de expressar a ideia de Deus. Esta ideia concebida em mim é uma ideia grandiosa, pois não são as sílabas, não é uma palavrinha que tenho em vista: é a própria ideia de Deus.

Eu penso então em com quem estou falando. É a um latino? Eu pronuncio: “*Deus*”. É a um grego? Eu digo: “*Theos*”.

Ao latino então eu digo: “*Deus*”. Ao grego: “*Theos*”. Entre estas duas palavras só há então uma diferença no som e nas letras que a formam, mas em minha mente, na ideia que quero expressar, que medito, não há diferença de letras, nem variedade de sons e de sílabas; é a mesma ideia.

Para falar a um latino eu precisei de uma voz latina e uma voz grega para me dirigir a um grego. Para me fazer compreender por um cartaginense, por um hebreu, por um egípcio, por um indiano, seria preciso, igualmente, vozes diferentes.

Quantas vozes diferentes, diante da mudança de pessoas, precisaria a mesma ideia formar, sem alterar a própria ideia? Ela se comunica a um latino sob uma voz latina; a um grego, sob uma voz grega; a um hebraico, sob uma voz hebraica.

Além disso, mesmo chegando àquele que escuta, ela não deixa aquele que fala. De fato, eu não tenho mais comigo o que eu disse a outro? Ao levar meu pensamento até você, o som que serviu de intermediário para isso não o removeu de mim.

Eu tinha presente a ideia de Deus e você ainda não tinha ouvido minha voz, mas, depois de tê-la ouvido, você passou a ter também a mesma ideia que eu. Mas, eu a perdi, ao transmiti-la a você?

Em mim então, em meu coração que lhe dá o impulso, em minha mente que a concebe secretamente, a palavra existe antes de aparecer sob a forma de uma voz. A voz ainda não está formada em minha boca, mas a palavra já está em meu intelecto. É para chegar até você que esta concepção de minha alma recorre à ajuda da minha voz.

04 – A ajuda da voz é necessária para que a palavra penetre na mente de quem escuta.

Se agora, apoiado pela atenção e as preces de vocês eu pudesse expressar o que desejo, quem me compreendesse ficaria feliz, eu acho. Àquele que não me compreender eu peço que olhe meu esforço e implore a misericórdia de Deus. O que eu digo vem dele. Eu vejo mesmo em minha mente o que tenho que dizer. São termos, vozes que procuro com esforço para levar aos seus ouvidos.

O que eu gostaria então de dizer, meus irmãos? O que eu gostaria de dizer?

Vocês observaram bem, vocês compreenderam bem que a palavra ou a ideia estava em minha mente antes que fosse escolhido um termo, uma voz para chegar até vocês. Todos compreendem também, eu acho, que o que acontece em mim acontece igualmente em todos aqueles que falam.

Eu sei então o que eu quero dizer; eu já o possuo em minha mente. Eu procuro então termos para expressar o que quero. Antes que esses termos sejam pronunciados por minha voz, eu seguramente já possuo a palavra, o pensamento, em mim mesmo. Assim, a palavra é em mim anterior à voz; ela existe primeiro e a voz vem depois. Em você é o contrário; é o ouvido que é atingido primeiro pelo som da minha voz que leva meu pensamento, minha palavra até sua mente. Como você conheceria o que estava em mim antes de qualquer emissão de voz, se minha voz não o tivesse levado até você?

Não se segue que, se João Batista é a voz e Cristo é a Palavra ou o Verbo, que Cristo é anterior a João Batista, mas no seio de Deus, pois entre nós João Batista é anterior a Cristo?

Que mistério admirável, meus irmãos! Meditem sobre ele e absorvam mais e mais a grandeza desta verdade.

Eu estou encantado com a inteligência de vocês! Ela me faz ousar junto a vocês, mas sempre com a ajuda Daquele que eu prego, pois sou muito pequeno e ele muito grande, sou uma pessoa qualquer e ele o Verbo de Deus. Então, com a ajuda dele eu ouso junto a vocês e, depois de ter exposto esta formação e esta distinção entre a voz e a palavra ou o verbo, eu vou apontar algumas consequências.

De acordo com os misteriosos desígnios de Deus, a voz se personificou em São João Batista, mas ele não foi a única voz, pois qualquer um que prega o Verbo é a voz do Verbo e o que a voz de

nossa boca é para o pensamento concebido em nosso coração, toda alma pia que prega o Verbo é para este Verbo sobre o qual está escrito: *No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio junto de Deus*¹³.

Quantas palavras, ou melhor, quantas vozes produz também o Verbo concebido em nosso intelecto! Quantos pregadores enviou o Verbo, mesmo permanecendo no seio do seu Pai!

Ele enviou os Patriarcas, ele enviou os Profetas, ele enviou um número muito grande de pessoas que o fizeram ser conhecido antecipadamente. Todos foram vozes que ele fez serem ouvidas sem sair de junto ao seu Pai. Mas, após todas essas vozes, o Verbo mesmo veio e totalmente sozinho, trazido por sua carne, como por sua voz, como um veículo sagrado.

Pois bem! Reúnam todas essas vozes que precederam o Verbo e coloquem-nas na pessoa de João Batista. Ele foi como sua encarnação, como sua personificação misteriosa e sagrada. Se então somente ele foi chamado de *a Voz*, foi porque ele era como o símbolo e a representação de todas essas outras vozes.

¹³ João 1: 1 e 2.

05 – A ação da voz se reduz com a progressiva elevação do espírito rumo ao Verbo.

Pensem agora no alcance destas palavras: *Importa que ele cresça e que eu diminua*¹⁴.

Mas, eu conseguiria expressar meu pensamento? Eu poderia mesmo, não fazer vocês compreenderem, mas eu mesmo compreender de que maneira, em que sentido, com que objetivo, por qual motivo, a própria voz, São João Batista disse, de acordo com a distinção que acabo de estabelecer entre a voz e a palavra: *Importa que ele cresça e que eu diminua?*

Ó mistério profundo e admirável!

Contemplem a voz em pessoa, o precursor em quem se resumem simbolicamente todas as vozes, dizendo da pessoa do Verbo: *Importa que ele cresça e que eu diminua!*

Por que esta linguagem?

Examinemos!

O Apóstolo disse: *A nossa ciência é parcial, a nossa profecia é imperfeita. Quando chegar o que é perfeito, o imperfeito desaparecerá*¹⁵.

O que entender por *o que é perfeito?*

¹⁴ João 3: 30.

¹⁵ 1 Coríntios 13: 9 e 10.

No princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Aí está o que é perfeito.

O que é também *o que é perfeito*? Diga-nos também, apóstolo Paulo! *Sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus*¹⁶.

Pois bem! Esse Deus igual a Deus Pai, esse Verbo de Deus, que permanece junto a Deus e por quem tudo foi feito, nós o veremos tal como ele é, mas somente no fim. Neste momento, de fato, como diz o evangelista São João: *Caríssimos, desde agora somos filhos de Deus, mas não se manifestou ainda o que havemos de ser. Sabemos que, quando isto se manifestar, seremos semelhantes a Deus, porquanto o veremos como ele é*¹⁷.

Essa visão de Deus nos é prometida. É para conseguirmos isto que trabalhamos para nos instruir e purificar nossos corações.

Está escrito: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus!*¹⁸

O Salvador mostrou aqui seu corpo. Ele mostrou aos seus servidores sua natureza de servidor. Depois das numerosas vozes com que ele se fez preceder, ele quis que seu corpo sagrado fosse, em certo sentido, sua voz especial.

¹⁶ Filipenses 2: 6.

¹⁷ 1 João 3: 2.

¹⁸ Mateus 5: 8.

Um dia quiseram ver seu Pai, como se já o tivessem visto tal como ele é. Ele, o Filho igual ao Pai, que falava aos seus servidores sob a forma de um servidor. *Disse-lhe Filipe: “Senhor, mostra-nos o Pai e isso nos basta”*¹⁹.

Este era o objetivo de todos os seus desejos, o fim dos seus progressos e, depois de tê-lo atingido, não lhe restaria mais nada para ambicionar.

Mostra-nos o Pai e isso nos basta. Está bem, Filipe! Está bem! Você compreende maravilhosamente que o Pai basta a você.

O Pai basta a você? O que isto quer dizer?

Que você não procurará mais nada além disso. Ele o completará, ele o saciará, ele o tornará perfeito.

Mas, examine se Aquele que fala com você não basta também a você. Só ele bastaria a você ou junto com o Pai dele? Como só ele bastaria a você, já que ele não se separa do Pai dele?

A este desejo de Filipe de ver o Pai, o Filho respondeu: *Há tanto tempo que estou convosco e não me conhecestes, Filipe! Aquele que me viu, viu também o Pai*²⁰.

As palavras: *Aquele que me viu, viu também o Pai* não significariam: “Você então não me viu, já que quer ver meu Pai”?

¹⁹ João 14: 8.

²⁰ João 14: 9.

“*Aquele que me viu, viu também o Pai. Você me olha, mas não me vê. Você não vê em mim Aquele que fez você, mas você vê o que eu me fiz por você*”.

Aquele que me viu, viu também o Pai. Por que ele fala assim, se não é porque, sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus?

O que Filipe via nele? Ele via que, *sendo ele de condição divina, não julgou ser uma usurpação sua igualdade com Deus, mas aniquilou a si mesmo, assumindo a condição de servo e assemelhando-se aos humanos*²¹. Era isto o que Filipe via nele, antes de ser capaz de ver nele a natureza de Deus: a natureza de escravo.

Não nos esqueçamos de que João Batista era a personificação de todas as vozes e Cristo era a personificação do Verbo. Ora, é necessário que todas as vozes diminuam, na medida em que nos tornamos aptos a ver Cristo. Não é verdade que você precisa cada vez menos de vozes alheias, na medida em que você se aproxima da contemplação da sabedoria?

A voz está nos Profetas, ela está nos Apóstolos, nos Salmos e no Evangelho. Advém o Verbo que estava *no princípio*, que *estava junto de Deus e que era Deus*. Quando o virmos tal como ele é, ainda leremos o Evangelho? Escutaremos ainda os Profetas? Estudaremos ainda as epístolas dos Apóstolos?

²¹ Filipenses 2: 6 e 7.

Por que não? Porque as vozes se calam quando o Verbo cresce.

Importa que ele cresça e que eu diminua!

Sem dúvida que, considerado nele mesmo, o Verbo não cresce e nem decresce. Mas, em nós, podemos dizer que ele cresce quando nosso progresso na virtude nos ergue até ele.

Da mesma forma, a luz cresce nos olhos, quando, curados, os olhos veem mais do que viam quando estavam doentes. Sim, a luz era menor nos olhos que sofriam do que nos olhos curados, embora ela mesma não tenha diminuído inicialmente e nem aumentado depois.

Pode-se dizer que a necessidade da voz diminui na medida em que mais se aproxima do Verbo. Neste sentido é preciso que Cristo cresça e João Batista diminua.

Isto também é indicado pelas suas mortes diferentes. João Batista decapitado foi como que encurtado e Cristo erguido na cruz cresceu, em certo sentido.

Também lembram isto os dias dos seus nascimentos, pois, a partir do nascimento de João Batista os dias começam a diminuir e eles recomeçam a crescer a partir da natividade de Cristo.



Créditos

© 2020 Teodoro Editor: Niterói – Rio de Janeiro – Brasil.

Traduzido de *Œuvres complètes de Saint Augustin*. Organizada pelo Abade Raulx. Bar-Le-Duc: L. Guérin & Cie, Editeurs, 1868, por Souza Campos, E. L. de. Cotejado com as versões em italiano e espanhol, da Ordem de Santo Agostinho.

Traduzido do latim para o francês pelo Abade Jean-Baptiste Raulx.

Conteúdo

Sermão 288	1
Análise	1
01 – A celebração do nascimento de São João Batista.	2
02 – João Batista é mais do que um Profeta e, ao desprezar-se, ele enaltece Cristo.	3
03 – A diferença entre voz e verbo.	8
04 – A ajuda da voz é necessária para que a palavra penetre na mente de quem escuta.	12
05 – A ação da voz se reduz com a progressiva elevação do espírito rumo ao Verbo.	15
Créditos.....	20
Conteúdo.....	21